

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

João Déclo / Lurdes Andreassi, Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Marília. Brasil

MOISÉS, Massaud — "A Literatura Portuguesa", São Paulo, Editora Cultrix, 10.^a edição 388 pp.

No ano de comemoração dos 400 anos da publicação dos *Lusíadas*, sai a lume a 10.^a edição desta A LITERATURA PORTUGUESA, que compreende uma visão histórica mais especialmente ensaística da Literatura Portuguesa, desde a Idade Média até a Atualidade.

Massaud Moisés aqui mantém a clássica divisão: I. Introdução, II. Trovadorismo, III. Humanismo, IV. Classicismo, V. Barroco, VI. Arcadismo, VII. Romantismo, VIII. Realismo, IX. Simbolismo, X. Modernismo.

Nos capítulos de I a IX o A. muito pouco acrescenta à X edição e é no Modernismo, que desenvolve alguns aspectos mais amplos em torno de autores como José Rodrigues Miguéis, Carlos de Oliveira, Faure da Rosa, José Cardoso Pires, Jorge de Sena, João de Araújo Correia, Urbano Tavares Rodrigues, Joaquim Paço d'Arcos e outros para quem o A. abre itens especiais.

Esta Literatura Portuguesa difere das demais porque o A. nos dá uma visão em profundidade dos dados estéticos e históricos dos vários movimentos, e faz um estudo sintético, porém aprofundado, para ampliar os dados estéticos e históricos do Modernismo, Massaud Moisés, obviamente, foi obrigado a diminuir a extensão dos breves trechos antológicos que ilustram as edições anteriores.

O critério que Massaud Moisés adotou para o livro, desde a sua primeira edição foi antes estético que o histórico, embora esta direção esteja sempre presente no livro como sustentáculo das características literárias: veja que ao invés de falar em século XV, etc. ele fala em Trovadorismo, como fala em Classicismo ao invés de enfatizar o século XVI, o que mostra que fundamentalmente, neste trabalho ensaístico, Massaud Moisés está preocupado com os problemas estéticos e literários.

Nos capítulos que vão do Trovadorismo ao Simbolismo, o A. conserva em linhas gerais as idéias apresentadas nas 8.^a e 9.^a edições.

Quanto às primeiras páginas do capítulo X referentes ao Modernismo, o A. nada acrescenta, apenas faz algumas modificações na estrutura das orações, na ortografia, mudando uma ou outra palavra e acrescentando vírgulas, como podemos observar na página 291 onde o A. troca a palavra "cisão" por "cisma"; p. 295 há o acréscimo de uma vírgula; p. 303 há a troca da palavra "olha" por "sonda"; p. 306 troca "astral" por "sideral"; p. 306 muda a oração "Em consequência, o poeta retrai-se..." por "Em consequência, retrai-se para dentro de si..."; "traduzida num narcisismo doentio que..." por "traduzida numa egolatria patológica que..."; p. 321 muda o tempo do verbo "traem" por "traíam"; p. 326 troca a expressão "se faz volátil" por "se volatiliza".

Ocorrem muitos erros de imprensa nestas primeiras páginas, havendo mesmo o corte de orações inteiras que tiram o sentido e a seqüência da narração como podemos notar as pgs. 297, 301 e 319. Sabemos bem não ser culpa do autor, mas pode ser uma advertência para uma próxima edição.

O A. acrescenta vários itens, reduzidos trechos antológicos não existentes nas 8.^a e 9.^a edições, para maior clareza de entendimento do estilo dos autores e de suas obras, como por exemplo nas pgs. 300, 301, 303, 308, 313, 320, 321, 323, 326, 327. Acrescenta ainda obras de autores não relacionadas na edição anterior como: *Textos Filosóficos* de Fernando Pessoa; *Cântico Suspenso* e *Música Ligeira* de José Régio.

Nesta edição há um item especial para o poeta Almada Negreiros, Autor não desenvolvido nas 8.^a e 9.^a edições pois ficara encoberto pelos nomes de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro.

No movimento Presencista, o A. inclui dentre os nomes citados que tomaram parte direta no movimento, também José Rodrigues Miguéis, Branquinho da Fonseca e Irene Lisboa, nomes esquecidos nas 8.^a e 9.^a edições. Notamos ainda um maior desenvolvimento em torno dos autores seja no aspecto biográfico ou estilístico em torno das obras como podemos notar na página 321 e 322 uma maior abertura em torno de José Régio. O A. abre itens especiais para nomes que já mereciam certo destaque como Branquinho da Fonseca, José Rodrigues Miguéis, Vítorino Nemésio, Irene Lisboa, Alves Redol, Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira e Faure da Rosa.

O Neo-Realismo nesta edição fica mais simplificado pois são retirados os nomes como de Alves Redol, Fernando Namora, Vergílio Ferreira e as críticas em torno desses autores que passam a ter itens especiais. Ainda no Neo-Realismo há o acréscimo de Rogério de Freitas nome não mencionado na edição anterior.

Um item importantíssimo é colocado em lugar de destaque; a Literatura do Ultramar, atividade também pertencente à Literatura Portuguesa mas que até o momento não tinha sido posta em relevo em nenhuma edição anterior. O autor dá uma visão geral de toda a literatura das Ilhas e territórios portugueses em África.

Há uma mudança total no Surrealismo com o acréscimo de dados referentes às e autores de real importância como Antônio Pedro da Costa, Mário Mesariny de Vasconcelos, Antônio Maria Lisboa, e Alexandre O'Neill e também a discussão em torno de cada escritor. Há ainda referências a nomes como Antônio Dacosta, Fernando Azevedo, Antônio Domingues, José Augusto França, Moniz Barreto, Pedro Olm, Risques Perelra, João Moniz Pereira, Mário Henrique Leiria, João Artur Silva, Artur Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa, João Gaspar Simões, e Manuel de Lima.

Algumas pequenas sugestões cremos que devem ser feitas com vistas à uma 11.^a edição do trabalho. Primeiro, a abertura de itens especiais para os dois poetas mais expressivos da atualidade portuguesa: Herberto Helder e Eugénio de Andrade e também um item especial e mais

amplo para Augusto Abelaira, da mesma proporção dada a Carlos de Oliveira. Outra sugestão se estende a inclusão de autores cujas obras já começam a ter validade e favor da crítica como os romances de José Gomes Ferreira, Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa, Nuno de Bragança, João Palma Ferreira, Sofia de Melo Breiner Andresen, Joaquim Paço d'Arcos, José Cardoso Pires e Agustina Bessa-Luís.

Na atualidade há muitos autores incluídos que a uma altura revelam a sua importância como: Casimiro de Brito, Fiana Hasse Pais Brandão, Alexandre Pinheiro Tôrres, E.M. de Melo e Castro, Natércia Freire, Fernanda de Castro, Daniel Filipe, João Rui de Sousa, Sebastião Da Gama, Natália Correia, António Gedeão e Salette Tavares.

Nesta 10.^a edição o A. introduz o teatro com uma grande amplitude acrescentando autores e peças teatrais que merecem uma maior abertura, atividade essa um pouco esquecida mas que tem muita importância dentro da Literatura Portuguesa. O A. faz um breve retrospecto ao teatro de Garret e já situa o teatro na atualidade com o aparecimento de Vasco de Mendonça Alves, Vitoriano Braga, Rui Chianca, Ramada Curto, Carlos Selvagem, Joaquim Paço d'Arcos, que também se destaca no teatro, Alfredo Cortez, Raul Brandão e Antonio Patrício. Seguem-se ainda: Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro, Branquinho da Fonseca. Há ainda a citação de peças de José Régio, considerado o maior dramaturgo depois de Garret, Luís Francisco Rebêlo, Bernardo Santareno, Luís Sítou Monteiro cujo nome aparece errado na edição anterior, Manuel Granjelo Crêspo, José Estevão Sasportes e Augusto Sobral.

Nesta Literatura Portuguesa, o A. se preocupa mais com a dimensão ensaística; Massaud Moisés se preocupa com a interpretação das obras literárias, procurando acentuar-lhes o valor.

HÉLDER, Herberto. "Os passos em volta", Lisboa, Editorial Estampa 1970, p. 165.

João Décio. Prof. Titular de Literatura Portuguesa da Fac. de Fil. Cien. e Letras de Marília.

Passos em volta, livro de problemática conceitualização (contos?, ensaios?, crônicas romanescas?) de Herberto Hélder apresenta as seguintes composições: "Estilo", "Holanda", "Sonhos", "Polícia", "O Grito", "Os comboios que vão para Antuérpia", "Lugar Lugares", "O Coelacanto", "Escadas e Metafísica", "Doenças de pele", "Descobrimento", "Aquele que dá a vida", "Como se vai para Singapura", "Teorema", "Cães, Marinheiros", "Equação", "O quarto", "Vida e obra de um poeta", "Duas pessoas", "Poeta obscuro", "Coisas elétricas na Escócia", "Brandy" e "Trezentos graus".

As histórias (ou narrativas) de Herberto Hélder dividem-se entre a criação literária, a ficção, a poesia, a crônica, a reportagem, de sorte que não pretendemos aqui, estabelecer as fronteiras entre cada uma das narrativas mas apenas aflorar problemas de ordem geral.

Antonio Quadros em lúcido comentário acerca do livro, publicado em **Crítica e verdade** fala em contos, o que daria a impressão de que realmente neles se criaria uma supra-realidade, e apresentariam dose de ficção. Acontece que alguns deles apresentam observações ligeiras ou profundas sobre fatos observáveis, o que encaminharia Hélder para o campo da reportagem ou da crônica.

A análise de **Os Passos em volta** (aceitemos que formalmente possam ser contos, tomando este termo num sentido muito lato), confirma que na sua linguagem, na preocupação com a criação artística, no cultivo de um enorme subjetivismo, na alta temperatura emotiva e sensorial (com a leve ou profunda análise de tal vivência), pela tentativa de fixar alguns momentos no plano psicológico, Herberto Hélder continua a ser visceralmente um poeta. E, então, impõe-se a aproximação com os poemas que foram reunidos em **Ofício Cantante**. De certo modo, a vasta experiência sentimental, sensorial e intelectual que as personagens vivem em termo de história, de enredo (do discurso literário, como querem os estruturalistas), que se revela em **Os Passos em volta**, aparece filtrada indiretamente em **Ofício Cantante**.

A presença em muitas narrativas de **Os passos em volta**, de Herberto Hélder, a presença de um "eu" que se observa, e se analisa com alta temperatura emocional e erótica, mostra antes, que parece estarmos diante do que se convencionou chamar de "prosa poética".

Por outro lado, há ainda um fenômeno curioso, consistente na preocupação que Hélder revela sobre o assunto que está a debater e especialmente sobre uma "maneira", a se criar. O primeiro conto (chamemo-lo assim) "Estilo" retoma a reiterada preocupação com o processo criativo (que aparece em muitos poemas de **Ofício Cantante**) da coisa e da palavra, no plano da prosa ou da poesia:

"Vejamos: o estilo é aquela maneira sutil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. Faço-me entender? Não? Bem, não aguentamos esta desordem estupefante da vida. Então, pegamos nela, reduzimo-la a dois ou três tópicos que se equacionam. Depois, por meio de uma operação intelectual, dizemos que esses tópicos se encontram no tópico comum, suponhamos, do Amor ou da Morte... (**Passos em Volta**, p. 13).

Tal conto é todo um depoimento sobre o estilo, o poema, a problemática de sua concepção e realização.

"Trata-se do excerto de uma poesia. Gosta de poesia? Sabe o que é a poesia? Tem o medo da poesia? Tem a terrível alegria da poesia?"

"Duas Pessoas", que é rigorosamente um conto, porque tem personagens, enredo, história que se centra num conflito com unidade de tempo, espaço e ação, é das narrativas mais bem construídas, inclusive pelo irrepreensível exercício de deslocamento do foco narrativo (era a 1.^a pessoa do narrador masculino, era da personagem feminina).

Livro em que o artista constrói e se reconstrói ao nível do estilo da palavra, da linguagem, Os passos em Volta constitui elemento indispensável para se conhecer a problemática geral da obra de Herberto Helder.

Livro de amor à mulher, à criança, ao estilo, à poesia, à vida, enfim, constitui leitura obrigatória aos amantes da Literatura Portuguesa em particular e da boa prosa poética em geral.

TÓRRES, Alexandre Pinheiro et alii — "21 Ensaios sobre Eugênio de Andrade", João Décio. Prof. Titular de Literatura Portuguesa da Fac. de Fil. Ciên. e Letras de Marília.

Eugênio de Andrade, o poeta que ora nos ocupa, é autor dos seguintes livros de poesia: *As mãos e os frutos*, *Os amantes sem dinheiro*, *As palavras interditas*, *Até amanhã*, *Coração do dia*, *Mar de setembro* e *Ostinato rigore*. Em 1968, tais livros foram reunidos num volume pela Portuguesa Editora de Lisboa com o título geral de *Poemas*.

Sai agora a lume uma obra que insere 21 ensaios sobre o poeta em pauta e comparecem como participantes: Alexandre Pinheiro Torres, António Ramos Rosa, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Fernando Guimarães, Fernando Mendonça, Gastão Cruz, João Gaspar Simões, João Rui de Sousa, Joel Serrão, Jorge de Sena, José Bento, José Fernandes Fafe, José Pacheco Pereira, Luís de Miranda Rocha, Mário Sacramento, Nuno de Sampaio, Nuno Teixeira Neves, Oscar Lopes, Vergílio Ferreira e Vitorino Nemésio.

Seguem-se trechos da *Poética* de Eugênio de Andrade, textos antológicos da poesia e bibliografia do e acerca do poeta.

Excetuando-se o ensaio de Jorge de Sena, mais preocupado com os aspectos puramente formais da poesia de Eugênio de Andrade, os outros ensaístas tentam uma penetração na temática e nas forças motrizes do autor de *Ostinato rigore*.

O lançamento de um livro dessa natureza parece acentuar que parece estar passando a enorme (e aliás justificada) onda em torno da poesia de Fernando Pessoa. Levanta-se, trinta e tantos anos após a morte do autor de *Mensagem*, uma voz que parece vai apagar um pouco a memória dos críticos em torno de um poeta que parecia ser intransponível. E observe-se que mesmo em Eugênio de Andrade pesou (na elaboração de alguns poemas) a linguagem de um Ricardo Reis o que confirma a extrema dificuldade na tentativa de superar essa "montanha" literária da geração do "Orpheu".

O tom geral dos trabalhos é laudatório e tende a conferir a Eugênio de Andrade o papel de principal poeta da atualidade em Portugal, muito embora seja discutível tal ponto de vista, quando nos lembramos de que existe também um Herberto Helder, poeta de grande garra e sangue, atualíssimo como é atual a vivência em torno das sensações o que mostra que está presente ainda a figura de um Álvaro de Campos.

Os autores acentuam particularmente a simplicidade da linguagem poética de Eugênio de Andrade, não significando, porém, uma diminuição do tônus de suas criações. A atitude atinge, evidentemente o vocabulário, de fácil compreensão o que contudo não impede a apreensão, por vezes onírica e subconsciente, do mundo. Eugênio de Andrade, parte da natureza e a ela volta freqüentemente e tanto assim é que termos como: fonte, rosa, barco, jardim, dia, mãos, frutos, são constantes em seus poemas. Tal processo confere à sua criação um caráter "elemental" lembrado por Oscar Lopes em seu ensaio.

Elemental ou não, a poesia de Eugênio de Andrade para Luís Miranda Rocha constitui processo de libertação e depuração, aquela consistindo na necessidade do poeta escrever, esta, revelando preocupação com os recursos técnicos da poesia. De qualquer forma, está sempre presente a atitude "de arrêter le temps psychologique" de que fala Georges Mounin em seu livro *La communication poétique* e a "fulguração do instante" assinalada por Gaston Bachelard.

Para Eduardo Lourenço, talvez dos estudiosos mais profundos que comparecem no volume, a luta poética de Eugênio de Andrade se resolve no fato de que "e então a Poesia a perpétua liturgia da ausência da Palavra à Palavra", que o ensaísta propõe de forma interrogativa.

Os ensaios se mantêm em nível elevado, mas forçoso é destacar os nomes de Eduardo Lourenço, Oscar Lopes, Vergílio Ferreira, Fernando Mendonça e Luís de Miranda Rocha.

De Fernando Mendonça vale a pena destacar algumas palavras que permitem entender mais profundamente a poesia de Eugênio de Andrade:

"Em Poesia, as palavras não são nomes, são sinais, motivo porque tão poético pode ser um poema simbolista como um poema semiótico: é ao utilizador que cumpre selecionar a função causativa das palavras-sinais do primeiro, ou das figuras-sinais do segundo. Ambos devem ser uma realidade absoluta". (p. 104)

E mais adiante:

"Eugênio de Andrade, o poeta que reconquistou o seu paraíso porque se arroga claramente o direito às realidades anteriores às palavras, isto é, apagando nestas o sentido vocabular inopioso para lhes realçar a realidade atuante num universo não menos real — o universo paradisíaco, onde tudo é o que foi criado na hora original". (p. 107)

Enfim, estes 21 Ensaos sobre Eugênio de Andrade se revestem de interesse para quem esteja voltado para os mais inquietantes problemas da atual língua portuguesa, porque estão preocupados com uma das mais sérias e profundas vozes poéticas, ao lado de um Herberto Hélder de Ofício cantante.